

DÍVIDA EXTERNA

Pressões não abalam a posição de Zélia

Membros do governo afirmam que a ministra continua recebendo todo o apoio de Collor

RICARDO AMARAL

TÓQUIO — Ao assumir a responsabilidade sobre a contraproposta brasileira aos bancos credores para o pagamento dos juros da dívida, o presidente Fernando Collor confirmou mais uma vez uma frase que produziu pouco depois de eleito, na formação de seu ministério: "O ministro da Economia sou eu". A frase foi lembrada ontem em Tóquio, por membros da comitiva presidencial, para demonstrar que a ministra Zélia Cardoso de Mello continua gozando da confiança do presidente, apesar da inflação que não cai e das notícias segundo as quais ela teria prazo até janeiro para controlar a situação econômica ou deixar o governo.

Às perguntas sobre o suposto declínio do prestígio da ministra, o porta-voz Cláudio Humberto Rosa e Silva responde, invariavelmente, com um "nunca ouvi falar nisso". Ele se recusou a comentar ontem, as últimas edições das revistas *Veja* e *Istoé-Senhor*, que tratam do assunto. Em conversas reservadas, no entanto, outros membros da comitiva dizem que a ministra está sendo alvo de uma campanha de desestabilização, para enfraquecer a posição brasileira na negociação da dívida.

Na avaliação de alguns assessores do presidente Collor, a "fritura" da ministra não passa pelo governo, mas por "setores contrariados com as mudanças" operadas na economia brasi-

leira, principalmente os chamados "cartórios". Nesse rol o governo inclui os pronunciamentos recentes dos empresários Antonio Ermírio de Moraes e Mário Amato. O presidente prefere não retrucar diretamente as estocadas dos empresários, escalando para isso seu porta-voz. Quando Cláudio Humberto comparou Mário Amato a um "coronel", a própria ministra foi surpreendida pela declaração. Em conversa com um amigo, Zélia comentou que temia uma reação negativa dos coronéis de verdade — os militares — quando a comparação se referia ao uso político da patente.

Na avaliação do presidente, segundo seus assessores, ele já respondeu a todas as críticas feitas à ministra. A decisão de Fernando Collor de manter silêncio sobre a "fritura" de Zélia estendeu-se à comitiva que o acompanha na viagem ao Japão. "Está tudo bem no Brasil", disse, por exemplo, o chefe do Gabinete Militar, general Agenor Homem de Carvalho, recusando-se, polidamente, a comentar o noticiário e a boataria.

Collor prefere não alimentar o debate, porque está convencido de que a inflação chegou aos dois dígitos principalmente como consequência do choque do petróleo. "Na véspera da invasão do Kuwait pelo Iraque, o governo dormiu com uma expectativa de queda da inflação, de 9 para 5%, e acordou com um aumento brutal da conta-petróleo", disse um assessor em conversa reservada. Para a questão das falências e concordatas que ocorrem em vários setores, a explicação do governo continua sendo a ineficiência empresarial, como disse o presidente em entrevista há dez dias.